

# A FORMAÇÃO DE ADVÉRBIOS EM *-MENTE* E DIMINUTIVOS *X-INHO* E O CONTINUUM COMPOSIÇÃO-DERIVAÇÃO

Katia Emmerick ANDRADE<sup>1</sup>  
(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)

**Resumo:** Este artigo descreve as formas *X-mente* e as formas *X-inho* com o propósito de destacar as peculiaridades dessas sufixações, ao mesmo tempo em que aponta para a possibilidade de ambas figurarem no meio de um continuum composição-derivação em português.

**Palavras-chave:** Morfologia; Diminutivos; Advérbios em *-mente*; Formação de palavras.

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, analisamos as formações *X-mente* e os diminutivos terminados em *-inho* com o propósito de destacar as peculiaridades fonológicas, morfológicas e semânticas que tornam essas sufixações tão especiais em português. Nosso principal objetivo é apontar para a possibilidade de ambas figurarem no meio de um continuum composição-derivação em português.

### 1. AS FORMAÇÕES *X-MENTE*

Em latim, *mente* era considerada uma forma independente, ablativo do substantivo feminino *mens* ('espírito', 'mente'), e, ao lado de adjetivos também no ablativo, constituía expressões fronteiriças entre composição e sintagma, como, por exemplo, *bona mente* (cf. MATTOSO CAMARA, 1976). Atualmente, a partícula *-mente* atua como formativo de advérbios nominais a partir de adjetivos, como em *casualmente* e *decididamente*. Na evolução para o português, a partícula *mente* experimentou um processo de gramaticalização ainda não concluído, já que perdeu sua significação e valores originais de substantivo e passou também a atuar como sufixo formador de advérbios, transitando, portanto, da sintaxe para a morfologia. No estado atual da língua, os advérbios em *-mente* nem sempre veiculam valor modal; podem denotar temporalidade (*primeiramente*, *posteriormente*), modalidade, ao expressar a opinião do falante face a seu enunciado (*certamente*, *felizmente*), entre outros, dando provas que o formativo *-mente* continua em processo de gramaticalização, uma vez que ainda não adquiriu um sentido lexical.

Não é consensual a caracterização das formas *X-mente* como derivadas. Autores, como Moreno (1997), Basilio (1998), Cagliari (2002), Duarte (2009), entre outros, admitem que a sequência *-mente*, por constituir sozinha uma palavra prosódica, faz com que a base a que se une

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras Vernáculas. Professora Adjunta do IFRJ. E-mail: [kemmericka@hotmail.com](mailto:kemmericka@hotmail.com)

## A formação de advérbios em *-mente* e diminutivos X-inho e o continuum composição-derivação

não se submeta a processos fonológicos no nível lexical, como a neutralização das vogais pretônicas e a alteração posicional do acento, recorrentes nas formações sufixais do português.

Em formas X-*mente*, bases com vogais tônicas abertas, por exemplo, br[ɛ]ve, c[ɛ]rta e sup[ɔ]ta preservam a abertura vocálica, embora essas vogais passem à posição pretônica na palavra resultante: *brevemente* /brɛv'ɪmeNtɪ/, *certamente* /cɛRta'mɛNtɪ/, *supostamente* /supɔS'tameNtɪ/, ao contrário do que acontece em formações derivadas com outro sufixo: *brevidade* /brevi'dadɪ/, *certeza* /seR'teza/, *suposição* /supozi'sawN/, em que as vogais, antes de articulação aberta, neutralizam-se em posição pretônica, realizando-se como fechadas, [e] e [o], pronúncias consideradas *default* na fala carioca (CHRISTÓFARO-SILVA, 2000).

Ainda de um viés fonológico, é sistemática a mudança de tonicidade da base para a palavra derivada, como se verifica nos seguintes pares (a sílaba tônica aparece sublinhada): *hábito/habitual/habitualidade*; *imenso/imensidão*; *louco/loucura*; *rico/riqueza*. Mediante o acréscimo da partícula *-mente*, as bases mantêm o seu acento e, por conseguinte, as palavras resultantes assumem claramente uma pauta acentual dupla, típica de compostos, isto é, com dois picos acentuais, um acento secundário (˘) na base e um primário (ˈ) no elemento anexado: *habitualmente* ou *habitualmente imensamente* (ou *imensamente*); *loucamente*; *ricamente*.

A possibilidade de realização dessas variantes é uma das evidências que sustentam a hipótese de composição defendida por Moreno (1977), Lee (1997) e Collischon (1994). Para estes autores, a composição é um processo pós-lexical, em que não há perda de acento, visto cada componente trazer consigo o acento do léxico. Nesse enfoque, o acento é determinado por uma regra que confere proeminência ao acento do segundo membro, ou seja, à grade acentual do todo é acrescida, nos termos da fonologia métrica (NESPOR & VOGEL, 1986), uma terceira linha, e, sobre essa linha, atribui-se uma marca de principal ao acento primário do segundo membro do composto. Assim, pode-se ter *imensamente*, em que o acento primário de *imenso* é convertido em secundário, já que o acento de *mente* passa a ser o proeminente na composição, ou *imensamente*, em que o acento secundário é atribuído à sílaba inicial, por força da regra de atribuição do acento de insistência latino, sempre na primeira sílaba (RONDININI, 2009).

Do ponto de vista morfológico, o fato de a formação de advérbios em *-mente* ser apenas operada sobre formas femininas do adjetivo, quando existentes, “fere frontalmente a regra geral de que formas flexionadas não podem ser derivantes” (BASILIO, 1998, p. 18), visto que afixos derivacionais tendem a aparecer adjacentes à raiz, ou melhor, se uma mesma raiz recebe, concomitantemente, um sufixo derivacional e um flexional, é sempre o derivacional que se adjuge primeiro à raiz, preparando, assim, o radical para acolher o sufixo flexional; e, no caso dos advérbios em *-mente*, a flexão interna de gênero é impositiva e muito específica.

Com efeito, Basilio (1998) refuta a hipótese de que o sufixo seria, na realidade, *-amente*, argumentando que em formações, cuja base é um adjetivo uniforme, como, por exemplo, *brevemente* e *prudentemente*, não há inserção de *-a*. Outra hipótese, correlacionada a essa, igualmente rejeitada pela autora, seria a de que *-amente* fosse um alomorfe de *-mente*. Para comprovar que, de fato, a vogal *-a* que precede *-mente* é uma desinência de gênero (cf. VILLALVA, 2000), Basilio (*op. cit.*) torna a mencionar a alternância entre a vogal média baixa/alta da base na relação masculino/feminino: *religioso* /xeliʒi'ozU/ → *religiosa* /xeliʒi'ɔza/ → *religiosamente* /xeliʒiɔza'mɛNtɪ/. No entanto, “é difícil explicar como o determinante adjetival tem seu gênero escolhido por um constituinte periférico, *mente* no caso, cuja classe gramatical seria ignorada” (DUARTE, 2009, p. 11).

Assim, é provável que, ao contrário dos demais sufixos, o elemento *mente* teria gênero e, conseqüentemente, corresponderia a um objeto morfológico que funciona como unidade independente nas operações morfológicas pela sintaxe, o que nos faz considerá-lo um constituinte fronteiro.

Por fim, de uma perspectiva sintática, na coordenação de termos, os advérbios em *-mente* são sensíveis às regras de apagamento, ou melhor, é possível coordenar vários adjetivos e acrescentar *-mente* apenas na última formação: “Ele fala calma e pausadamente”. O adjetivo feminino *calma* não está concordando com o sujeito sintático *ele*, mas com *-mente*, ao qual está associado descontinuamente. Alguns prefixos que constituem uma palavra prosódica também admitem apagamentos de suas bases (*pré* e *pós-pagamento*); contudo, somente as formações em *-mente* admitem intercalação de vocábulos entre um adjetivo e outro: “Ele fala pausada, aliás, muito pausadamente”.

Esse fenômeno, referido por Moreno (1997) e Cintra (1983) como fatoração, por Kenesei (2007) como redução de coordenação, recebe por parte de Vigário (2003) uma análise acurada. Ao investigar o apagamento de termos em estruturas coordenadas parcialmente idênticas, Vigário (*op. cit.*) esclarece que nem sempre é possível excluir um constituinte dessas estruturas sintáticas. O apagamento depende crucialmente de condições fonológicas e só se concretiza quando “não só a unidade que é apagada mas também a unidade que permanece na estrutura coordenada correspondem a palavras prosódicas autônomas” (VIGÁRIO, 2003, p. 416), como podemos observar nos exemplos oferecidos pela autora (*loc. cit.*), listados a seguir, em (01), em que  $\omega$  indica palavra prosódica.

- (01) a. (pré) $\omega$  (tônicas) $\omega$  e (pós) $\omega$  (tônicas) $\omega$  > (pré) $\omega$  e (pós) $\omega$  (tônicas) $\omega$   
 (alegre) $\omega$  (mente) $\omega$  e (triste) $\omega$  (mente) $\omega$  > (alegre) $\omega$  e (triste) $\omega$  (mente) $\omega$
- b. (acampamento) $\omega$  e (acantonamento) $\omega$  > \*(acampa) $\omega$  e (acantonamento) $\omega$   
 (des(feiz)) $\omega$  e (re(feiz)) $\omega$  > \*(des) $\omega$  e (refez) $\omega$

Contudo, condições semânticas também estão em jogo no fenômeno. O apagamento, para ser bem sucedido, depende ainda do escopo alcançado pelo elemento remanescente, que tem de incidir igualmente sobre todos os termos coordenados; caso contrário, a construção decorrente torna-se esdrúxula, quiçá agramatical. Por exemplo, observa-se equivalência semântica entre “lenta e tranquilamente” e “lentamente e tranquilamente”, mas não entre “pré-escola e pré-adolescência” e “\*pré-escola e adolescência”, como também não entre “salinha e quartinho” e “sala e quartinho”, em que o sufixo *-inho* modifica somente a palavra que constitui. Acreditamos que o apagamento de *-mente* em advérbios coordenados não se deva apenas às suas propriedades fonológicas, uma vez que há sufixos, como *-z(inho)*, que também projetam sua própria palavra prosódica e nem por isso submetem-se à fatoração. Talvez, a possibilidade de apagamento do *-mente*, sem comprometer o significado global do que se pretende transmitir, decorra, justamente, da sua não-especialização semântica, já que veicula sentidos amplos, levando-nos estender o seu emprego a bases adjetivais com valores diversos.

Em síntese, *-mente* tem características peculiares. Por um lado, as construções X-*mente* permitem apagamento sintático; engendra pauta acentual típica de compostos, pois a formação apresenta dois vocábulos fonológicos e dois vocábulos morfológicos; a base X, se não é um adjetivo uniforme, obrigatoriamente, é um adjetivo no feminino, ou seja, *-mente* assemelha-se a

## A formação de advérbios em *-mente* e diminutivos X-*inho* e o continuum composição-derivação

uma forma livre. De outro lado, o formativo *-mente* não tem significado lexical; muda as palavras de classe, no caso de adjetivo para advérbio, comportando-se como uma forma presa. Como, então, classificar as formações em *-mente*? Trata-se de derivação, de composição?

Basilio (2000, p. 33), ao tratar de compostos de estrutura parcialmente fixa, afirma que a regularidade de preenchimento com verbos específicos (*guarda-*, *porta-*, *para-*), em estruturas do tipo V + S, aproxima o processo de composição ao de derivação, uma vez que um dos membros do composto é uma forma invariável. De modo análogo, essa regularidade se observa em alguns afixos que se “originam de cristalizações de formas de composição tais como o sufixo *-mentê*”. Enquanto, para Mattoso Camara (1971, p. 38), a possibilidade de justaposição, “um vocábulo formal constituído de dois vocábulos fonológicos”, responde pelos pontos de contacto entre as locuções, os compostos e “os advérbios formados de um adjetivo com o elemento *-mente*, sufixado”.

A complexidade das formações X-*mente* não só demonstra imprecisão relativa à categorização da classe de advérbios, mas também reflete a indecisão que permeia a classificação das unidades morfológicas, no caso específico, *-mente*, que, pela sua caracterização híbrida, aproxima-se tanto do processo de composição quanto de derivação.

## 2. FORMAÇÕES X-(Z)INHO

Em português, o expediente mais produtivo de formar diminutivo consiste em adjungir *-inho* ou *-zinho* a uma base nominal. Apesar de tratados pelos compêndios gramaticais como elementos derivacionais, tais sufixos, assim como *-mente* (abordado na seção anterior), apresentam peculiaridades fonológicas e morfológicas que os distanciam de um sufixo prototípico. Uma das características mais marcantes dos sufixos de diminutivo, assim como os prefixos, é a incapacidade de alterar a categoria gramatical da base a que se anexam, comportamento excepcional para um sufixo. Como vimos, os sufixos unem-se invariavelmente a radicais, e, por constituírem o componente-cabeça, determinam a categoria gramatical do vocábulo derivado, informando, também, sobre o gênero.

Outra característica que afasta a formação de diminutivos da derivação diz respeito, em particular, ao sufixo *-zinho*, que, à semelhança do *-mente*, combina-se com um vocábulo pronto, e não apenas com radicais, impondo às bases a que se une as eventuais alterações morfofonêmicas desencadeadas pela formação do plural, resultando, assim, uma estrutura que coincide com a de um composto (cf. MORENO, 1997, p. 180), que mantém relação de concordância interna mas, ao contrário das formações X-*mente*, não admite fatoração.

No entanto, não há um opinião consolidada na literatura quanto à interpretação dos elementos *-zinho* e *-inho*, ainda que o idêntico valor semântico que veiculam e a semelhança de sua configuração fonética apontem para a hipótese de um só morfema, há teóricos que os consideram entidades diferentes. Apesar das semelhanças entre eles, análises alternativas (cf. MORENO, 1977; 1997 e LEE, 1995) consideram *-inho* um sufixo, isto é, um elemento que participa do processo derivacional, e *-zinho*, um elemento que faz parte do processo de composição.

Mattoso Camara (1976, p. 224-225) assume que, em português, os sufixos básicos de diminutivo são *-inho* e *-ito*. O uso da forma variante *-zinho* só é obrigatório somente após vogal tônica; nos demais casos, pode-se optar livremente entre as duas formas: *livro* >> *livrinho*,

*livrozinho*. O autor, apoiado no fato de que os mecanismos de aglutinação e justaposição podem ocorrer tanto na composição quanto na derivação, considera a formação do diminutivo com *-zinho* um caso de derivação por justaposição. Tal mecanismo gera uma locução (uma forma livre associada a uma forma presa), cujo vocábulo fonológico correspondente incorpora o termo primitivo e o sufixo em causa, cada qual com sua flexão de gênero, e exemplifica com *lobazinha*, *lobozinho*.

Moreno (1977), por exemplo, considerava *-inho* e *-zinho* duas formas autônomas diferentes, mas reviu seu posicionamento, admitindo que há, de fato, um padrão fonológico razoavelmente definido para a distribuição dos dois alomorfes, cujas peculiaridades que lhes são apontadas decorrem do cruzamento dos planos morfológico e fonológico em que a palavra-base está envolvida. A autonomia do elemento *-zinho* é confirmada por meio de elementos fonológicos, como a permanência do acento, do timbre aberto da vogal pretônica, velarização da líquida final da base; e morfológicos, tais como flexão de plural pré-definida e cópia do gênero indicado pelo artigo, a exemplo de *a foto/a fotozinha*, ou seja, *-zinho* tem características gramaticais semelhantes às de um adjetivo.

Já a forma alomórfica *-inho*, para o referido autor, difere de *-zinho* em razão de seu seletivo caráter distributivo: enquanto *-zinho* se agrega a qualquer vocábulo de qualquer classe gramatical, *-inho* é visto como a forma alternativa para os radicais consonânticos, aliás, de predominância esmagadora na língua, o que implica a ressilabificação do item lexical derivado. Cabe registrar que *-inho*, ao contrário de *-zinho*, não repete a flexão de gênero determinada pelo artigo, porque se anexa ao radical e não à palavra pronta, como se observa em *a foto/a fotinho; a moto/a motinho; a tribo/a tribinho*. Exemplo do artista: *artistinha; artistazinho(a)*

Várias abordagens sobre a formação de diminutivo em português chegam à conclusão de que *-zinho* e *-mente* são exceções entre os sufixos (LEE, 1995; MORENO, 1977; 1997). O mesmo se verifica em Mira Mateus (2003) e em Rio-Torto (2006), que, além disso, separam do grupo das unidades sufixais os sufixos avaliativos (diminutivos e aumentativos), denominando-os de *z-avaliativos*.

Lee (s/d), adotando os instrumentos teóricos da Fonologia Lexical Prosódica, apresenta uma nova proposta de análise para os diminutivos no português e argumenta que a formação dessas palavras deve receber um tratamento diverso do que é dado à derivação/composição e à flexão. O autor, ao considerar dois níveis lexicais na formação de palavras, alfa ( $\alpha$ ) e beta ( $\beta$ ), os quais representariam raiz e palavra, respectivamente, explica que *-inho* e *-zinho* entram no nível  $\alpha$ , onde recebem acento, mas o processo de formação do diminutivo, seja com uma ou com outra forma, de fato, acontece no nível  $\beta$ , onde se aplica a flexão. Como os processos de derivação e de composição lexicais acontecem no nível  $\alpha$ , a formação de diminutivo tem características diferentes da derivação, da flexão e do composto lexical, distinguindo-se ainda da formação de compostos pós-lexicais, que ocorre no nível pós-lexical. Portanto, para Lee (s/d), as formações de diminutivo se organizam de modo autônomo na gramática.

Enfim, a formação de diminutivos está longe de uma visão consensual, já que os formativos envolvidos não recebem uma definição homogênea, demonstrando que uma classificação baseada em protótipos seria mais adequada também a esse tipo de derivação.

## A formação de advérbios em *-mente* e diminutivos *X-inho* e o continuum composição-derivação

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir o artigo, é importante ressaltar que a literatura na área não categoriza da mesma forma os elementos em estudo, o que, por sua vez, pode apontar para a existência de categorias que atuam nos limites da derivação com a composição.

### REFERÊNCIAS

- BASILIO, M. A. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 2000.
- BASILIO, M. A. Morfológica e Castilhamente: um Estudo das Construções X-mente no Português do Brasil. *DELTA [online]*, São Paulo, v. 14, edição especial, p. 17-28, 1998.
- CAGLIARI, L. C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- CINTRA, G. *Mente: sufixo adverbial?* *Cadernos de estudos lingüísticos*. v. 5. p. 73-83. Campinas, 1983.  
Disponível em: <http://www.bn.com.br/~gcintra/textos/mente.pdf>
- COLLISCHONN, G. Acento secundário em Português. *Letras de Hoje*, n. 29, p. 43-53. Porto Alegre: PUCRS, 1994.
- DUARTE, P. M. T. O sufixo *-mente* em português. *Revista Philologus*, ano 15, n. 45. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2009.
- KENESEI, I. *Semiwords and affixoids: the territory between word and affix*. Budapest: Research Institute for Linguistics, 2007.
- LEE, Seung-Hwa. Sobre os compostos do PB. *DELTA*, São Paulo, v. 3, n.1, 1997.
- LEE, Seung-Hwa. Sobre a Formação de Diminutivo do Português Brasileiro, s/d.  
Disponível em: <http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/lee-diminutives.pdf>
- LEE, Seung-Hwa. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 1995.
- MATTOSO CAMARA JR., J. *Problemas de lingüística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- MATTOSO CAMARA JR., J. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.
- MIRA MATEUS *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.
- MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Pontes, 2002.
- MORENO, C. *Morfologia nominal do Português: um estudo de fonologia lexical*. Tese de doutoramento em Linguística Aplicada. Porto Alegre: PUCRS, 1997.
- MORENO, C. *Os Diminutivos em -inho e -zinho e a Delimitação do Vocabulo Nominal no Português*. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 1977.
- NESPOR, M. & VOGEL, I. *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- RIO-TORTO, G. O Léxico: semântica e gramática das unidades lexicais. In ATHAYDE F. (coord.), *Estudos sobre léxico e gramática*, Coimbra: Cadernos do CIEG 23, p. 11-32, 2006.
- RONDININI, R. B. *Formações X-ólogo e X-ógrafo em português: uma análise derivacional*. Dissertação de Mestrado em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 2004.

Katia Emmerick ANDRADE

VIGÁRIO, M. Quando meia palavra basta: Apagamento de palavras fonológicas em estruturas coordenadas. Versão prévia à publicação in CASTRO, I. & DUARTE, I. (eds.), *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. v. II. Lisboa: Colibri, 415-435, 2003.

VILLALVA, A. *Estruturas morfológicas: unidades e hierarquia nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

## THE X-MENTE AND THE X-INHO CONSTRUCTIONS AND THE COMPOUNDING-DERIVATION CONTINUUM

**Abstract:** *This paper describes the X-mente and X-inho constructions in order to highlight the peculiarities of these suffixations, while it points the possibility of both are listed in the middle of a continuum compounding-derivation in Portuguese.*

**Keywords:** *Morphology; Acronym; Word-formation.*